



Editorial

Aquele foi o melhor dos tempos, foi o pior dos tempos; aquela foi a idade da sabedoria, foi a idade da insensatez, foi a época da crença, foi a época da descrença, foi a estação da Luz, a estação das Trevas, a primavera da esperança, o inverno do desespero; tínhamos tudo diante de nós, tínhamos nada diante de nós, íamos todos direto para o Paraíso, íamos todos direto no sentido contrário – em suma, o período era em tal medida semelhante ao presente que algumas de suas mais ruidosas autoridades insistiram em seu recebimento, para o bem e para o mal, apenas no grau superlativo de comparação (Charles Dickens).

Não seremos a primeira geração a crer que vivemos um contexto de crise, igualmente, estamos distantes de ser os primeiros a constatar que a própria educação vive de forma exponencial essa crise. Por mais que sejam desferidos ataques ao contexto educacional vindos de posições anacrônicas, como a defesa do *homeschooling*, desapegadas ao pedagógico, como as propostas cívico militares, estapafúrdias, como a invenção de uma pretensa ideologia de gênero e suas doutrinações que precisariam ser combatidas, ainda assim, nossa crise atual não é recebida, senão em um “grau superlativo de comparação”.

As greves nos diversos níveis e esferas públicas do ensino, os protestos e oposições por parte da sociedade civil, as manifestações angustiadas do próprio alunado, nada mais são do que a reação própria da “idade da sabedoria” ao que se pretende apresentar como a “idade da insensatez”. Apoderar-se do seu tempo de crise não significa ter que tratá-lo como o insensato “pior dos tempos”, mas exige que se tente fazer algo, ainda que não se consiga por meio da sabedoria transformá-lo no “melhor dos tempos”. Trata-se de um tempo de luta, como todos os outros, embora, por estarmos imersos nele, precisemos sentir a urgência do chamado à batalha. A sabedoria não pode se curvar à insensatez. A educação não pode abdicar de sua filosófica amizade com a sabedoria por mais que os gritos abissais clamem por mais insensatez.

Cada movimento de resistência reassume a proposta iluminista de fazer vigorar uma maioria humana na “estação da luz”. A preguiça e a covardia, denunciadas por Kant como as forças motrizes que impedem este processo, representam o âmago do movimento reacionário que assola a “estação das trevas” na qual parecemos estagnar. Temos que ter muita clareza na

compreensão de que nossa crise não está colocada em jogo por uma postura conservadora frente à educação, trata-se de uma posição de “descrença”, a qual pretende desacreditar de tudo aquilo que foi construído em nossa “época da crença”. Questionamentos como os movimentos antivacina ou terraplanista, não podem ser chamados de conservadores, eles querem reagir a uma posição que já se tornou estabelecida. Querem impor a descrença diante das crenças construídas em bases científicas, ainda que não desacreditem de mitos sem fundamentações quaisquer. Desacreditam do que não querem em nome de tornar mais justificável a crença no que anseiam.

Não se trata de um crepúsculo de ídolos, tal como proposto por Nietzsche, apenas da retomada de ídolos do passado. Um reacionarismo que não tem nada de conservador, para o qual é necessário destruir as bases da educação atual e sua “primavera da esperança”, ainda que se saiba que falta muito até que essas esperanças desabrochem em um verão de frutos positivos, a fim de retroceder a um “inverno do desespero”. Uma estação na qual não se pode fazer outra coisa que não aceitar o aconchegante abraço quente de verdades inquestionáveis, dado que, infundadas que são, não estão sujeitas a contra-argumentos. A liberdade do inverno desesperançoso é o que leva a um retorno às trevas do teocentrismo medievalista, com sua descrença na ciência, na educação, na racionalidade humana, e sua aceitação incontestada de verdades que se impõem através da virilidade, da prepotência e do escárnio aos argumentos.

Nada está completo em nosso tempo de crise na educação, mas “tínhamos tudo diante de nós”. Certamente há muito o que ser feito em nome de um processo realmente formador, contudo, não podemos aceitar uma posição de acordo com a qual é necessário negar o caminho que temos, para passar a olhar apenas para o passado perdido, como se não tivéssemos “nada diante de nós”. Mesmo diante das pequenas vitórias é necessário reconhecer a importância da caminhada e partir dela para vencer a crise em que estamos inseridos. Não temos nenhuma garantia de que a luta que estamos travando nos encaminhe para ir “direto ao Paraíso”, tampouco que ela nos lance “direto no sentido contrário”, tudo o que sabemos é como o passado nos trouxe até este momento de abertura entre o céu e o inferno, e o quanto não compensa repetir reacionariamente os mesmos erros, que venham novos e que eles nos permitam aprender com eles.

Esta edição da revista Mal-estar e Sociedade mergulha de cabeça nessa crise em que vivemos, sabendo que ela sempre será para nós um “superlativo de comparação”, mas é a crise que nos cabe, é o tempo em que vivemos, a luta que temos que travar. Abrimos o campo de disputas com o artigo **Equidade e inclusão curricular mediadas por recursos didáticos**, de Marcos Vinicius Amaral Ribeiro, no qual, a partir da arte se propõe uma discussão sobre a

construção de um conhecimento inclusivo e multidisciplinar, calcado na necessidade de uma sociedade que seja equitativamente constituída, e obviamente se chocando com o reacionarismo preso aos privilégios do passado. A convivência com o diverso é fundamental para a constituição dessa sociedade primaveril e para manter acesa a chama do futuro verão.

Seguimos a edição tocando pontos sensíveis aos ouvidos reacionários como no artigo **Elementos para um debate do Serviço Social sobre racismo recreativo: racismo como entretenimento**, de Jhonatas Moreno, disposto a debater, indo até a raiz do problema, a estruturação do racismo em nossa sociedade, enfrentando assim um tema sobre o qual toda a descrença reacionária parece negar o que historicamente foi construído, inclusive pelos meios mais “estrategicamente discretos” do entretenimento.

Se o combate ao racismo poderia ser visto como um ponto pacificado em nosso tempo, a proposta de Breno Eustáquio Silva, ao enfrentar a homofobia, trata de um tema ainda pouco assimilado e já muito combatido pelo reacionarismo. Em **O professor e seu papel na prevenção e combate à homofobia**, o autor apresenta pesquisa sobre o quanto ainda é insipiente a formação dos professores para atuar nesse combate, e o quanto se precisa avançar para, minimamente, corresponder ao anseio daqueles que acreditam existir uma ideologia de gênero nas escolas.

Ainda sobre gênero e ainda sobre avanços necessários, **Desenvolvimento e dependência, uma revisão feminista**, de Beatriz Aguiar, nos apresenta um novo olhar sobre uma velha construção. Na contramão do reacionarismo, o texto retoma o passado desenvolvimentista com o necessário olhar de quem tem “tudo diante de si”, uma ousada revisão de quem assume a crise na qual se insere.

Por fim em **O devaneio de Bachelard e suas implicações na percepção de leitura de leitoras-linguistas**, de Cássia Mara Amorim Marques e Cláudia Elisa Amorim Jesus, bem como em **A aquisição da língua escrita: uma abordagem dialógica-enunciativa bakhtiniana na alfabetização**, de Claudimir José da Silva, o reacionarismo é contraposto a propostas formais em que a educação abdica de uma postura mais disciplinadora, como na proposta das escolas cívico-militares, e retoma todo seu potencial pedagógico e formador de sujeitos que sejam leitores e escritores que se portem como verdadeiros sujeitos da linguagem. Sujeitos da linguagem que poderão reconhecer nela a necessidade de uma revisão feminista dos construtos desenvolvimentistas, que reconhecerão a importância de um combate à homofobia nos discursos mais comuns, que não negarão a realidade de um racismo estrutural e recreativo em nosso tempo, que reconhecerão a necessidade de uma verdadeira inclusão de toda forma de diversidade.

A edição é encerrada com a simbólica resenha sobre o texto **O problema sociológico das gerações**, de Karl Mannheim, proposta por Maria Cecília de Sousa Silva e Geraldo Magela Rodrigues de Oliveira Neto. O que não poderia ser mais icônico em meio a este apelo pela luta contra o reacionarismo manifesto neste volume do “melhor dos tempos, pior dos tempos”.

Mauro Baptista
Editor